

Adolfo Lutz quer tecnologia para diagnosticar vírus

STELLA GALVÃO

O Instituto Adolfo Lutz (IAL) está preparando um projeto de ação conjunta com o Centro de Prevenção e Controle de Doenças de Atlanta (EUA) para criar estrutura em São Paulo capaz de realizar exames diagnósticos confirmatórios da síndrome por hantavírus. "Os americanos exigem que o laboratório tenha um sistema de produção de reagentes, e ainda não dispomos das condições ideais", disse Luiza Terezinha Madia de Souza, diretora do Serviço de Virologia do IAL.

O pesquisador Clarence Peters, do CDC, responsável pelo diagnóstico dos primeiros dez casos de infecção por hantavírus nos EUA, esteve em São Paulo para visitar o instituto e avaliar as condições para transferência de tecnologia. Os dois primeiros casos de morte em São Paulo ocorreram com dois caseiros de um sítio em Juquitiba, em dezembro do ano passado. Testes feitos na Faculdade de Saúde Pública da USP indicaram a suspeita de contaminação.

A confirmação só veio em fevereiro, após análise do soro sanguíneo dos irmãos Roberto e Ricardo no CDC. "Lá, o vírus foi isolado e a reação ao material contaminado é específica", explicou Luiza. Peters também visitou a área em torno da casa dos trabalhadores junto com a equipe do Adolfo Lutz. O vírus que mata de forma fulminante em até três dias é transmitido por inalação das fezes e urina de ratos. "Não existe ainda tratamento para a síndrome por hantavírus e por isso o ideal é a prevenção à contaminação", alertou o infectologista Marcos Boulos. É desconhecido o mecanismo que em alguns casos leva à morte, enquanto em outros há reação imunológica que elimina o vírus do organismo.

Desde o surgimento dos primeiros casos, na década de 50, na Coreia, já foram identificados cinco subtipos do vírus. O último foi detectado em áreas rurais dos Estados Unidos. Na Ásia e Europa, a contaminação provocou síndrome renal por hantavírus. Nos EUA, o subtipo do vírus vem produzindo mortes por insuficiência respiratória, a mesma causa mortis dos paulistas. Testes de sangue feitos em 60 pessoas e cem roedores, em dois Estados americanos, falharam em descobrir a origem do hantavírus que matou um estudante de 22 anos em janeiro.

A pesquisadora do Lutz não associa diretamente o hantavírus a condições de pobreza absoluta. "O principal problema é a presença do rato", disse. No caso dos irmãos mortos, porém, os pesquisadores constataram que eles moravam em condições higiênicas precárias.